Revista Comunicação Universitária

FORA DO FANTÁSTICO: INVISIBILIDADE DA REGIÃO NORTE NO TELEJORNALISMO NACIONAL

OUTSIDE OF FANTÁSTICO: THE INVISIBILITY OF THE NORTHERN REGION IN NATIONAL TELEVISION NEWS

Adriane Cecilia Batista Serato [*]
Universidade do Vale do Itajaí
Carlos Roberto Praxedes dos Santos [**]
Universidade do Vale do Itajaí

RESUMO

O presente trabalho analisa a visibilidade da região Norte do Brasil no telejornalismo nacional. A região Norte é a maior do Brasil em extensão territorial, abrangendo aproximadamente 45% da área nacional, o que equivale a cerca de 3,8 milhões de km² (IBGE, 2022). Apesar do tamanho, concentra menos de 10% da população brasileira, com cerca de 18,7 milhões de habitantes distribuídos de forma desigual, em um espaço que corresponde a quase metade do território brasileiro (Fapespa, 2024). As redes nacionais de televisão formam um sistema de comunicação fortemente centralizado, no qual as emissoras locais exercem papel secundário, servindo como retransmissores de conteúdos produzidos nos grandes centros. Desta forma, o objetivo geral é compreender como a região Norte foi retratada nas 26 edições do Fantástico de janeiro a junho de 2025. Como objetivos específicos estão averiguar como se deu o processo de interiorização da televisão no Brasil; identificar as notícias sobre a região Norte nas edições do Fantástico em relação ao formato jornalístico e ao conteúdo da informação. A pesquisa combina abordagem bibliográfica e análise de conteúdo das edições do programa Fantástico da TV Globo, exibidas no primeiro semestre de 2025. Os resultados apontam que o Norte é pouco representado no programa Fantástico, aparecendo majoritariamente em pautas negativas ou excepcionais. Conclui-se que o modelo concentrado de mídia no Brasil limita a pluralidade e impede que a Região Norte seja retratada em sua diversidade social, cultural e ambiental.

Palavras-chave: Região Norte. Invisibilidade. Regionalização. Telejornalismo. Programa Fantástico.

ABSTRACT

This paper analyzes the visibility of the Northern region of Brazil in national television news. The Northern region is the largest in Brazil in terms of territorial extension, covering approximately 45% of the national area, which is equivalent to about 3.8 million km² (IBGE, 2022). Despite its size, it concentrates less than 10% of the Brazilian population, with approximately 18.7 million inhabitants distributed unevenly in a space that corresponds to almost half of the Brazilian territory (Fapespa, 2024).

[*] Graduanda em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Itajaí, Santa Catarina, Brasil. E-mail: adrianecbserato@gmail.com.
ORCID: https://orcid.org/0009-0000-2609-1578. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5320061864703908.
[**] Doutor em Comunicação e Linguagens, professor na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Itajaí, Santa Catarina, Brasil. E-mail: carlospraxedes@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3145-4120. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9701335366705920.

National television networks form a strongly centralized communication system, in which local stations play a secondary role, serving as retransmitters of content produced in large centers. Thus, the general objective is to understand how the Northern region was portrayed in the 26 editions of Fantástico from January to June 2025. Specific objectives include investigating how the process of television's internalization in Brazil occurred; This research aims to identify news stories about the Northern region of Brazil in the Fantástico program, focusing on journalistic format and information content. The study combines a bibliographic approach and content analysis of Fantástico episodes broadcast on TV Globo in the first half of 2025. The results indicate that the North is underrepresented in Fantástico, appearing mostly in negative or exceptional stories. It concludes that the concentrated media model in Brazil limits plurality and prevents the Northern region from being portrayed in its social, cultural, and environmental diversity.

Keywords: Northern region. Invisibility. Regionalization. Television news. Program Fantástico.

1 INTRODUÇÃO

A expansão da televisão brasileira ocorreu de forma gradual e desigual, refletindo diretamente as disparidades regionais do país. Enquanto as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro foram as primeiras a sediar emissoras de televisão, já entre os anos de 1950 e 1951, outras regiões permaneciam à margem do processo de interiorização do sinal televisivo. Segundo Mattos (2010), essa expansão seguiu uma lógica econômica e política que priorizou os grandes centros urbanos com maior retorno publicitário e infraestrutura.

De acordo com Brittos e Bolaño (2005), o modelo de redes nacionais consolidou a centralização do sistema televisivo no Sudeste, dificultando a construção de polos regionais. Nessa mesma linha, Ribeiro, Sacramento e Roxo (2010) destacam que a televisão brasileira reproduziu o mapa da desigualdade social do país, retardando o acesso das regiões periféricas à produção e distribuição de conteúdo.

Este trabalho concentra pesquisa bibliográfica sobre o processo de interiorização da televisão brasileira, além de análise de conteúdo das matérias jornalísticas da região Norte no noticiário nacional, mais especificamente em todas as edições do programa Fantástico, da TV Globo, durante o primeiro semestre de 2025. O objetivo geral é compreender como a região Norte foi retratada nas 26 edições do Fantástico de janeiro a junho de 2025. Como objetivos específicos estão averiguar como se deu o processo de interiorização da televisão no Brasil; identificar as notícias sobre a região Norte nas edições do Fantástico em relação ao formato jornalístico e ao conteúdo da informação.

Uma das atrações mais tradicionais da televisão brasileira, o Fantástico possui a terceira mais cara inserção comercial da emissora, abaixo apenas do Jornal Nacional e da novela das

21h, segundo tabela de preços divulgada pela própria Globo (Upfront Globo, 2024). Trata-se da primeira revista eletrônica do país, criada por José Bonifácio de Oliveira, o Boni, ainda em 1973, com duas horas de duração e que reunia reportagens especiais, clipes musicais, quadros de humor e os resultados dos jogos de futebol no final de semana. Com o passar dos anos, passou a dispensar maior tempo de exibição para matérias jornalísticas factuais e para o jornalismo investigativo. A duração atual varia bastante, mas o programa vai ao ar, geralmente, entre 20h30 e 23h20, com quase três horas de duração. No ano de 2025, a média de audiência da atração foi de 16 pontos, ao disputar com a concorrência dos demais canais abertos e, principalmente, do *streaming* (Costa, 2025).

2 METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e descritiva, fundamentada em pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo jornalístico. A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com base em autores que discutem a história da televisão brasileira, os critérios jornalísticos e a representação regional, como Sérgio Mattos (2002; 2010), Valério Brittos e César Bolaño (2005), Esther Hamburger (2005), Venício Lima (2006), entre outros. Essa base teórica permitiu compreender os fundamentos históricos e estruturais da centralização da mídia no Brasil, bem como os processos de seleção e enquadramento jornalístico que contribuem para a invisibilidade da Região Norte no cenário nacional.

Num segundo momento, foi realizada uma análise de conteúdo das edições do programa Fantástico, da TV Globo, no primeiro semestre de 2025, com a finalidade de analisar quais foram as matérias sobre a região Norte do país. Para tanto, foram examinadas 26 edições do Fantástico, transmitidas entre janeiro e junho de 2025, identificando-se o número de matérias, duração, formato, temática e presença da Região Norte em cada uma delas. Essa amostra foi escolhida por representar o principal programa jornalístico de domingo em horário nobre e de abrangência nacional, o que permite avaliar como o Norte é inserido na agenda informativa nacional.

Para a análise do Fantástico, aplicou-se o método de análise de conteúdo (Bardin, 2011), a fim de categorizar as matérias segundo frequência de aparição da Região Norte, temática e tempo de exposição, permitindo observar o padrão de invisibilidade da região no noticiário nacional. A análise prévia consistiu em identificar todas as matérias relacionadas à Região Norte. Em seguida, as matérias da Região Norte foram analisadas com base nas seguintes

categorias: tema, duração, formato (reportagem, nota coberta, entrevista) e temática predominante (meio ambiente, política, entretenimento, entre outros). Para tanto, foram assistidas as 26 edições do programa Fantástico, exibidas entre os meses de janeiro e junho de 2025.

3 TELEJORNALISMO NACIONAL E REGIÃO NORTE

Os primeiros anos da televisão brasileira foram marcados pela dependência de uma infraestrutura concentrada, com acesso privilegiado a tecnologias importadas, energia elétrica estável e redes de transporte organizadas, condições que estavam ausentes em boa parte do território nacional (Mattos, 2010). Após a inauguração da TV Tupi, de São Paulo (1950) e do Rio (1951), TV Paulista (1952), TV Record (1953), TV Itacolomi de Belo Horizonte e TV Rio (1955), TV Piratini de Porto Alegre e TV Continental do Rio (1959), a interiorização do sinal televisivo avançou, de maneira lenta e seletiva, nos maiores centros urbanos do país. Em 1960, Curitiba, Brasília, Recife e Fortaleza inauguraram as primeiras geradoras, bem como a cidade de São Paulo ganhou sua quarta emissora com a inauguração da TV Excelsior. Já a cidade de Bauru, no mesmo ano, se tornou a primeira cidade do interior a contar com uma geradora de televisão, a TV Bauru.

Em 1961, entrou no ar a TV Marajoara de Belém, primeira geradora de televisão do Norte, e que se manteve única por cerca de oito anos. Segundo Mattos (2010), a expansão televisiva não dependia apenas de questões técnicas, mas também de uma complexa articulação política e econômica que envolvia governos estaduais, empresários locais e o sistema de concessões federais, o que resultou em um processo desigual e, muitas vezes, arbitrário de interiorização do sinal. A própria concessão das emissoras era tratada por meio de negociações locais e regionais, com aval de prefeitos e governadores de Estado (Santos; Maurer, 2025). Nessa mesma linha, Brittos e Bolaño (2005) observam que o modelo de redes nacionais construído nas décadas seguintes reforçou a centralização da infraestrutura e do poder de decisão no eixo Rio–São Paulo, limitando a autonomia das emissoras regionais.

Somente entre o final da década de 1960 e a metade da década de 1970 a televisão começou a se solidificar como um meio de alcance nacional com a implantação em massa de retransmissoras, mas as geradoras ainda se restringiam aos maiores centros consumidores como as capitais e grandes cidades do interior. Nesse período, o regime militar percebeu a importância estratégica da comunicação de massa tanto para o controle da informação quanto para a

integração territorial. Nesse contexto, foi criada a Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações), em 1965, responsável por estruturar a rede de telecomunicações do país, além da adesão do Brasil ao Consórcio Internacional de Satélites (Intelsat) (Souza, 1996).

Segundo Sérgio Mattos (2002), essa infraestrutura representou o alicerce para a formação das grandes redes, em especial a Rede Globo, que soube explorar o potencial dos satélites para expandir suas afiliadas e construir um modelo de programação centralizada. O uso do satélite permitiu às redes nacionais não apenas ampliar o alcance da televisão, mas também padronizar conteúdos, criando uma experiência homogênea de comunicação de massa em todas as regiões do país (Mattos, 2002).

Mattos (2010) observa que a formação das redes nacionais de televisão materializou um modelo fortemente centralizado, no qual São Paulo e Rio de Janeiro se tornaram os principais polos de decisão editorial. Segundo o autor, essa centralização vinculava a produção e a definição das pautas aos grandes centros econômicos do país, reduzindo a autonomia das emissoras regionais e determinando, em grande medida, os conteúdos que seriam consumidos nacionalmente. De modo semelhante, Brittos e Bolaño (2005) destacam que a estrutura das redes criou uma lógica hegemônica de circulação de informações, fortalecendo o Sudeste como referência para todo o sistema televisivo brasileiro.

Esse processo contribuiu para consolidar um padrão de dependência das emissoras regionais, que tinham pouca autonomia editorial. Muitas vezes, suas funções limitavam-se a adaptar pequenos trechos da programação, como intervalos comerciais e noticiários locais curtos. Sérgio Mattos (2002) destaca que esse arranjo permitiu ao Brasil construir um sistema televisivo de grande alcance, mas com baixa diversidade cultural e regional. Ao mesmo tempo em que promoveu a integração simbólica do território nacional, a televisão também homogeneizou práticas culturais, tornando invisíveis muitas especificidades das regiões menos representadas.

Com o avanço tecnológico e a digitalização, esperava-se que a concentração da produção televisiva diminuísse. Contudo, mesmo em um cenário de maior disponibilidade tecnológica, regiões como o Norte continuam com baixa representatividade no noticiário nacional. Mattos (2010) observa que a introdução da televisão digital não alterou significativamente a estrutura centralizada do sistema, uma vez que as redes nacionais mantiveram o controle editorial e a definição das pautas.

Segundo Kunsch (2010), a televisão brasileira exerce papel central na construção de valores e comportamentos, reproduzindo imagens e narrativas que privilegiam a experiência

urbana e econômica dos grandes centros. A autora argumenta que a televisão, enquanto veículo de comunicação de massa, tem poder de moldar percepções sociais e firmar práticas culturais, mas tende a sub-representar grupos periféricos ou minoritários, perpetuando desigualdades simbólicas.

Além disso, como observa Hamburger (2005), a televisão brasileira solidificou um padrão de consumo cultural homogêneo, estruturado a partir da lógica das grandes redes sediadas no Sudeste. Essa dinâmica favoreceu a difusão de conteúdos produzidos para a elite urbana, enquanto regiões periféricas passaram a receber programações padronizadas e muitas vezes desconectadas de suas realidades sociais, econômicas e culturais. Canclini (2008) argumenta que esse processo de homogeneização midiática impacta diretamente a formação da identidade nacional, na medida em que restringe a circulação de referências regionais e reforça desigualdades simbólicas. Assim, a falta de representação consistente das regiões nos meios de comunicação contribui para um ciclo de invisibilidade cultural, aprofundando a centralização histórica e limitando o sentido de pertencimento no país.

3.1 Representação do Norte no Telejornalismo

O conceito de representações coletivas do sociólogo Émile Durkheim (1858-1917) é recuperado e transformado pelo psicólogo social Serge Moscovici (1925-2014), em 1961. Ao contrário de Durkheim, que via as representações coletivas como estruturas mais rígidas e exteriores aos indivíduos, Moscovici propôs que as representações sociais são dinâmicas, construídas e transformadas ativamente pelos sujeitos nas interações cotidianas

> Como pessoas comuns, sem o benefício dos instrumentos científicos, tendemos a considerar e analisar o mundo de uma maneira semelhante; especialmente quando o mundo em que vivemos é totalmente social. Isso significa que nós nunca conseguimos nenhuma informação que não tenha sido destorcida por representações 'superimpostas' aos objetos e às pessoas que lhes dão certa vaguidade e as fazem parcialmente inacessíveis. Quando contemplamos esses indivíduos e objetos, nossa predisposição genética herdada, as imagens e hábitos que nós já aprendemos, as suas recordações que nós preservamos e nossas categorias culturais, tudo isso se junta para fazê-las tais como as vemos. Assim, em última análise, elas são apenas um elemento de uma cadeia de reação de percepções, opiniões, noções e mesmo vidas, organizadas em uma determinada sequência (Moscovici, 2011, p. 33).

Portanto, em relação ao conceito de representação, adota-se a concepção de Moscovici (2011, p. 36), para o qual as "[...] representações são prescritivas, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente

antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado".

4 ANÁLISE E RESULTADOS

A região Norte é a maior do Brasil em extensão territorial, abrangendo aproximadamente 45% da área nacional, o que equivale a cerca de 3,8 milhões de km² (IBGE, 2022). Apesar do tamanho, a região concentra menos de 10% da população brasileira, com cerca de 18,7 milhões de habitantes distribuídos de forma desigual, em um espaço que corresponde a quase metade do território brasileiro (Fapespa, 2024). Isso significa que grandes áreas da Amazônia apresentam índices de ocupação reduzidos, em municípios que possuem extensões comparáveis a estados inteiros, mas que apresentam populações inferiores a 50 mil habitantes.

As redes nacionais de televisão formam um sistema de comunicação fortemente centralizado, no qual as emissoras locais exercem papel secundário, servindo como meros retransmissores de conteúdos produzidos nos grandes centros (Mattos, 2002). A limitação da representatividade do Norte, portanto, não é apenas geográfica, mas também política e cultural. A invisibilidade midiática da região contribui para a manutenção de estigmas e para o apagamento de suas complexidades sociais. De acordo com Brittos e Bolaño (2005), a regionalização da comunicação no Brasil ainda enfrenta obstáculos sérios, pois muitas estruturas midiáticas permanecem centradas nos grandes polos urbanos, o que dificulta a expressão das identidades simbólicas periféricas.

Assim, compreender a invisibilidade do Norte no noticiário nacional é compreender também as dinâmicas de poder e os mecanismos de exclusão que operam dentro do sistema de comunicação brasileiro. Essa invisibilidade não é fruto do acaso, mas o resultado de uma estrutura comunicacional historicamente desigual, que privilegia determinadas regiões, temas e identidades.

A tabela a seguir detalha o número de matérias no conjunto das edições mensais do Fantástico; a duração total dos programas analisados, por mês; o número de matérias somente da região Norte; o formato no qual a informação jornalística foi levada ao ar, sejam elas notas lidas pelo apresentador em estúdio, as quais Rezende (2000, p. 157) as classifica como "notas simples"para o qual é "formada apenas pelo texto falado lido pelo apresentador, sem imagens". Já para Patenostro (1999, p.146), o mesmo elemento noticioso recebe a alcunha de "nota ao

https://doi.org/10.69675/RCU.2763-7646.11574 ISSN 2763-7646

vivo". Para efeito deste trabalho, adotaremos a noção de Rezende. Ao contrário da "nota simples", a "nota coberta", ainda segundo Rezende (2000, p. 157), é aquela que conta "com imagens do acontecimento e narração em off do apresentador". O conceito de reportagem aqui adotado é o de Souza (2015, p. 174) como aquele que "põe o repórter em evidência, narrando um assunto e fazendo entrevistas".

Tabela: Análise das edições do Fantástico - Primeiro semestre de 2025

Mês	Total de matérias dos programas por mês	Duração total das edições por mês	Matérias apenas do Norte	Formato da informação	Duração	Temática
Janeiro	80 em 4 edições	09:26:12	4 (2 Amazonas, 1 Tocantins, 1 Rondônia)	Reportagem e nota coberta	00:22:30	Meio ambiente
Fevereiro	85 em 4 edições	09:04:29	3 (1 Tocantins, 1 Pará, 1 Amazonas)	Nota coberta, reportagem e entrevista	00:22:13	Meio ambiente e entretenimento
Março	102 em 5 edições	10:39:36	-	-	-	-
Abril	86 em 4 edições	09:35:42	2 (1 Roraima, 1 Amapá)	Nota Coberta e reportagem	00:17:31	Meio ambiente
Maio	88 em 4 edições	10:30:12	1 (Roraima)	Reportagem	00:16:43	Meio ambiente
Junho	113 em 5 edições	12:01:12	3 (Pará, Acre, Tocantins)	Nota coberta e reportagem	00:13:58	Polícia, educação e política

Fonte: Autores

A análise das 26 edições do Fantástico veiculadas entre janeiro e junho de 2025 permite observar a baixa representatividade da Região Norte na programação do principal programa jornalístico dominical da TV Globo. Das 554 matérias exibidas no período, apenas 13 tiveram relação direta com estados nortistas, correspondendo a aproximadamente 2,2% do total.

https://doi.org/10.69675/RCU.2763-7646.11574 ISSN 2763-7646

A duração total das matérias relacionadas ao Norte somou 1 hora, 32 minutos e 55 segundos, distribuídas em formatos variados: 8 reportagens completas, 4 notas cobertas e 1 entrevista. Não foram identificadas notas simples.

O predomínio do formato de reportagem longa sugere que, quando o Norte é inserido na pauta, a abordagem tende a se dar em temas de forte apelo visual e ambiental, como a série "Caça-tempestades" e matérias sobre povos indígenas, exploração de petróleo e proteção de tartarugas. Essas temáticas contribuem para a manutenção da representação recorrente da região como território exótico e ecológico, conforme já problematizado por Brittos e Bolaño (2005), ao analisarem o papel da mídia hegemônica na construção de estereótipos regionais.

Observa-se que o meio ambiente foi a temática predominante nas matérias nortistas, representando cinco das doze inserções. Em seguida aparecem três matérias sobre acidentes ocorridos na região. Matérias com temáticas diversas também foram apresentadas, como educação, política, polícia e entretenimento. Essa distribuição reforça o que aponta Bueno (2012) ao analisar a representação da Amazônia: a região tende a aparecer no noticiário nacional sobretudo em situações de crise ou excepcionalidade, como desastres ambientais, conflitos ou violações, enquanto seus aspectos sociais, culturais e econômicos recebem pouca atenção. Essa lógica, como observa Castro (2013), estabelece uma verdadeira hierarquia informativa na qual o Norte é visibilizado principalmente quando associado a problemas, permanecendo invisível em sua diversidade cotidiana.

A análise temporal mostra também uma irregularidade na presença da região Norte ao longo do semestre: em vários domingos (como 19/01, 26/01, 09/02, 09/03 e 13/04), não houve qualquer menção à região, o que evidencia a ausência de continuidade na cobertura. Mesmo as matérias exibidas, embora de duração relevante — como a reportagem "Kawahiva do Rio Pardo" (17min05s) ou "Exploração de petróleo no Amapá" (16min54s) —, foram apresentadas de forma episódica, sem retorno em edições seguintes. No caso específico da matéria sobre os Kawahiva do Rio Pardo, a exibição ocorreu um ano após a primeira reportagem do Fantástico sobre o mesmo tema.

A análise de conteúdo das 26 edições do programa Fantástico, exibidas entre janeiro e junho de 2025, confirmou o baixo índice de visibilidade da Região Norte na cobertura televisiva de alcance nacional. Das matérias jornalísticas exibidas nesse período, apenas 3,8% abordaram acontecimentos relacionados aos estados nortistas.

Entre as poucas matérias identificadas, prevaleceram temas associados a tragédias ambientais, operações policiais e curiosidades regionais, com ausência quase total de

reportagens sobre economia, cultura, ciência ou inovação. Além da baixa frequência, a duração média das matérias sobre o Norte foi inferior a dois minutos. Esse dado evidencia um desequilíbrio simbólico na distribuição de tempo e atenção jornalística entre as regiões do país.

Esse contraste reforça o argumento de que a proximidade geográfica e simbólica com os centros produtores de mídia influencia diretamente o peso dado às notícias. No entanto, mais do que a distância física, a lógica mercadológica possui um peso importante nessa definição, fator que define a relevância de determinadas regiões, pois locais com maior potencial econômico e de consumo tendem a atrair maior visibilidade jornalística, independentemente de sua localização geográfica. O Norte, distante dos principais polos jornalísticos, permanece sob um padrão de visibilidade reativa, quando só ganha espaço quando há tragédias ou fatos extraordinários.

Esse padrão confirma o diagnóstico de Brittos e Bolaño (2005), que demonstram como a estrutura das redes de televisão no Brasil é historicamente centralizada no eixo Rio–São Paulo, o que dificulta a incorporação de perspectivas regionais no noticiário. Mattos (2010) também aponta que a lógica de funcionamento da TV aberta favorece a produção dos grandes centros e reduz o espaço para narrativas locais [...]. Assim, a seleção de pautas do Fantástico permanece orientada por um olhar centralizado, filtrando temas de interesse nacional a partir das referências culturais e informativas do eixo hegemônico.

Hamburger (2005) aponta que a mídia brasileira desempenha papel central na construção de uma identidade nacional, mas o faz a partir de uma perspectiva centrada no Sudeste, o que produz um olhar hierarquizado sobre as outras regiões do país. Essa ausência de narrativas plurais contribui para um silenciamento simbólico sobre o Norte, afetando tanto a percepção pública quanto a elaboração de políticas e investimentos voltados para a região.
Brittos e Bolaño (2005) reforçam que a regionalização da mídia envolve não apenas a existência de emissoras locais, mas o reconhecimento da legitimidade de suas vozes na construção do debate público. Para os autores, democratizar a comunicação requer romper com a lógica que privilegia os grandes centros urbanos como definidores do que é relevante para o país.

Nesse contexto, a invisibilidade midiática do Norte configura também uma forma de exclusão política. A ausência de cobertura jornalística limita o debate sobre temas urgentes, como o avanço do garimpo ilegal, a precariedade da infraestrutura e os efeitos das mudanças climáticas, questões que impactam profundamente a vida da população local, mas raramente ganham destaque na mídia nacional.

Por fim, nota-se que as matérias sobre o Norte ocupam espaço marginal no tempo total

https://doi.org/10.69675/RCU.2763-7646.11574 ISSN 2763-7646

do programa, cuja duração média por edição é de cerca de 2 horas e 25 minutos. Em um semestre inteiro, o tempo total destinado à região equivale a menos de 1,5% da grade acumulada do programa, proporção que ilustra o desequilíbrio da visibilidade regional na mídia nacional. Tal constatação reforça a necessidade de políticas de regionalização da comunicação, previstas no Código Brasileiro de Telecomunicações de 1962 e debatidas por Kunsch (2010), que defende a importância de uma comunicação integrada e representativa das diversidades regionais brasileiras.

5 CONSIDERAÇÕES

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a visibilidade da Região Norte na televisão brasileira, observando de que forma a estrutura midiática e a concentração de grupos de comunicação influenciam a representação da região no cenário nacional. Por meio da combinação entre pesquisa bibliográfica, análise documental e análise de conteúdo, o estudo buscou compreender a relação entre centralização da mídia, autonomia regional e desigualdade simbólica na produção jornalística televisiva.

Os resultados obtidos permitem afirmar que os objetivos propostos foram plenamente alcançados. A análise das edições do programa Fantástico, exibidas entre janeiro e junho de 2025, confirmou o baixo índice de presença da Região Norte na programação de alcance nacional. Quando a região aparece, geralmente é retratada a partir de acontecimentos negativos, como tragédias ambientais, crimes ou curiosidades exóticas, o que reforça estereótipos e contribui para a manutenção da premissa de que o Norte só se torna pauta quando algo extraordinário acontece, reforçando assim o distanciamento dessa região com os maiores centros urbanos do país.

Esses achados confirmam a hipótese de que a centralização midiática brasileira tem efeitos diretos sobre a representação desigual do território nacional. O sistema de comunicação ainda privilegia os centros econômicos e políticos, reproduzindo um modelo histórico em que o Norte aparece como periferia narrativa, ausente da agenda cotidiana e lembrado apenas em situações excepcionais. Essa lógica contribui para o distanciamento simbólico entre a região e o restante do país, dificultando o reconhecimento de sua diversidade cultural, social e ambiental.

A partir dessas análises, conclui-se a pouca visibilidade aos temas da Região Norte nas edições do programa Fantástico da TV Globo, no primeiro semestre de 2025. Torna-se fundamental que o jornalismo nacional adote uma postura mais plural e inclusiva, reconhecendo

as especificidades socioculturais do Norte e ampliando o repertório de narrativas sobre a região. Somente com a descentralização dos fluxos informativos será possível construir uma representação verdadeiramente democrática do Brasil, em que todas as regiões tenham suas necessidades ouvidas.

A representação da Região Norte no noticiário nacional segue um padrão recorrente de simplificação e estereotipia. Quando aparece, é comumente associada a temas como desmatamento, conflitos indígenas, narcotráfico e pobreza. Essa abordagem restrita cria uma imagem fragmentada, que ignora a diversidade social, cultural e econômica da região.

Por fim, este trabalho contribui para o campo dos estudos da comunicação ao evidenciar a necessidade de repensar o modelo concentrado de mídia brasileira e suas implicações para a construção da identidade regional. Espera-se que as reflexões aqui apresentadas estimulem novas pesquisas sobre visibilidade midiática, regionalização e democratização da informação, fortalecendo o papel da comunicação como instrumento de inclusão, diversidade e cidadania.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **Rede Globo:** 40 anos de poder e hegemonia. São Paulo: Paulus, 2005.

BUENO, Magali Franco. Natureza como representação da Amazônia. **Espaço & Cultura** (UERJ), n. 23, p. 77–86, 2012. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/3524 . Acesso em: 14 out. 2025.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos:** conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CASTRO, Flávio F. Macrodinâmicas da comunicação midiática na Amazônia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi** – Ciências Humanas, v. 8, n. 2, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/items/769d9098-996d-42ce-90ee-fbeec4bf4a23 Acesso em: 9 nov. 2025.

COSTA, Marina. **Ibope da TV:** Fantástico fecha 2025 com pior audiência em 52 anos e preocupa a Globo. RD1/Portal Terra. 30 dez. 2025. Disponível em: https://rd1.com.br/ibope-da-tv-fantastico-fecha-2025-com-pior-audiencia-em-52-anos-e-preocupa-a-globo/. Acesso em 11 fev. 2026.

FUNDAÇÃO AMAZÔNIA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISAS (FAPESPA). População total, estimativas populacionais e Censo Demográfico (2020–2024). Belém: FAPESPA, 2024. Disponível em: https://fapespa.pa.gov.br/. Acesso em: 9 nov. 2025.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil antenado:** a sociedade da telenovela. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Base territorial e extensão das regiões do Brasil: 2022. Brasília, DF: IBGE, 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/. Acesso em: 9 nov. 2025.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada.** 6. ed. São Paulo: Summus, 2010.

LIMA, Venício A. de. **Mídia:** crise política e poder no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira:** uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Vozes, 2002.

MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil:** 60 anos de história (1950–2010). 5. Ed. Salvador: EDUFBA, 2010.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais:** investigações em psicologia social. Trad. Pedrinho Guareschi. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV:** manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

REDE GLOBO. **Fantástico**: o show da vida. Programas e edições de janeiro a junho de 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/fantastico/. Acesso em: 4 nov. 2025.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil:** um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). **História da televisão no Brasil:** do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010.

SANTOS, Carlos Roberto Praxedes dos; MAURER, Camila. **Do chuvisco à alta definição**: a história de cada retransmissora e geradora de televisão de Itajaí. Revista ECCOM. Vol. 14. Nº. 27. 27 fev. 2025. Disponível em: http://revistas.unifatea.edu.br:8081/seer/index.php/eccom/article/view/596. Acesso em: 9 fev. 2026.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira.** 2. ed. São Paulo: Summus, 2015.

SOUZA, Márcio Vieira de. **As vozes do silêncio:** o movimento pela democratização da comunicação no Brasil. Paris: Fondation pour lê progrès de I'homme. Florianópolis: Diálogo, 1996.

UPFRONT GLOBO. Preços. 2024. Tabela de preços para exibição em 2025. Disponível em: https://storage.googleapis.com/crm-listadeprecos/Lista%20de%20pre%C3%A7os_Upfront_dez24_vFinal.pdf . Acesso em 10 fev. 2026.

APÊNDICE 1 – INFORMAÇÕES SOBRE O MANUSCRITO

AGRADECIMENTOS
Não se aplica.

FINANCIAMENTO
Não se aplica

CONFLITOS DE INTERESSE
Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmica, política e financeira referente a este manuscrito.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA
Os dados dos resultados da pesquisa constam no corpo deste artigo.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM
Não se aplica.

DIREITOS AUTORAIS
Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Comunicação Universitária - os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico. Os editores da Revista têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

OPEN ACCESS
Este manuscrito é de acesso aberto (*Open Access*) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*).. O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la - ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.

LICENÇA DE USO
Licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.

VERIFICAÇÃO DE SIMILARIDADE
Este manuscrito foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o *software* de detecção de texto iThenticate da Turnitin, através do serviço *Similarity Check* da Crossref.

PUBLISHER
Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE). Publicação no Portal de Periódicos da Universidade do Estado do Pará. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da referida universidade.

HISTÓRICO
Submetido: 12 de março de 2026.
Aprovado: 03 de novembro de 2026.
Publicado: 05 de novembro de 2026.